

MEMORIAL

BICHAS

Aluno: Gabriel Martins Silva

DRE: 112050915

Orientação: Eleonora Fabião

O começo.

Ano de 2002; Colégio Santa Maria; São João de Meriti

Igor, Matheus, Vinicius, Alexandre, Carla, Bruna e tantos outros gritaram:

- Viadinho! Sai daqui!

Ano de 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011

Eu, em casa, jantar, São João de Meriti, falo:

- Mãe, Pai, me chamaram de viadinho na escola.

Ano de 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011

Meus pais, em casa, jantar, São João de Meriti, respondem:

- Não liga. Você não é. É só não dar bola.

Ano de 2012

Eu, em casa, bêbado, pelado, vomitado, chorando repito:

- Eu sou viadinho. Eu sou viadinho. Eu sou viadinho. Eu sou viadinho.

Eu sou *BICHAS!*

ABERTURA !

Aqui farei uma breve análise do processo de criação e produção do espetáculo BICHAS, apresentado em 2017 na Mostra de Teatro da UFRJ, com dramaturgia de Livs Ataíde e orientação de Eleonora Fabião. Iniciado em 5 de maio de 2017, o processo durou cerca de 8 meses, em que pude desenvolver com o elenco uma pesquisa sobre o estado DRAG, a comunidade LGBTQIA+ e teoria queer. Os ensaios aconteciam 3 vezes por semana e foram divididos em 3 etapas: pesquisa, levantamento de cenas, e repetição. Importante lembrar que o projeto do espetáculo só foi concluído em julho de 2017, ou seja, a primeira etapa dos ensaios foi também um momento de pesquisar a forma como o tema e a estética Drag seriam abordados. Nessa fase eu pude, juntamente com o elenco, definir algumas partes fundamentais da peça. Esse processo colaborativo foi definidor também de muitas éticas que seriam essenciais para criação do close coletivo, grupo artístico formado a partir do processo aqui analisado.

Antes de continuar preciso agradecer o elenco que esteve junto por tanto tempo, confiando e trabalhando duro para que fosse possível levantar uma obra com 11 Drags em cena, mais de 70 figurinos, pelo menos 11 pares de salto alto, 14 perucas e 1.200 reais de verba.

Obrigada: Ana Lúcia, Augusto, Brenda, Fernanda, Gustavo, João, Johnny, Taís, Taís, Marina, Ulli.

Entretanto também preciso ressaltar que 3 destas pessoas foram retiradas dos espetáculo logo após as apresentações na universidade por terem atitudes machistas, misóginas, transfóbicas e gordofóbicas durante o processo. Principalmente na etapa final dos ensaios ficou bem claro a diferença no posicionamento sobre diversas questões que eram, inclusive, trabalhadas no espetáculo. No primeiro momento acreditei ter sido uma falha minha não ter percebido antes esse problema, contudo, hoje, percebo que esse tipo de discurso está muito ligado as estruturas da sociedade e muitas vezes demoram a transparecer. Em conversa com o resto do coletivo, decidimos juntos que esse tipo de pensamento não colaborava com o grupo, ofendia a vivência de muitas integrantes e por esse motivo não deveriam continuar reverberando no elenco do espetáculo. Apesar de estar sempre muito preocupado com o bem-estar de todas nos ensaios, esse tipo de situação está sempre nos passando e é justamente por isso que BICHAS se torna um espetáculo necessário.

PRÉ-ABERTURA !

Minha pesquisa sobre o universo Drag ganha concretude e inicia uma nova fase no dia 9 de Maio de 2015, minha primeira vez em Drag. A partir dali, pude ir experienciando e entendendo cada vez mais profundamente essa cultura. Em 2016 iniciei minha pesquisa sobre a Pina (minha Drag) com orientação de Eleonora Fabião e relacionei a arte Drag com a performance e o encontro. Pina é corpo capaz de recriar-se a todo momento, de emergir como corpo-encontro, corpo capaz de transformar e ser transformado. Pina é ser/estar. É jogo. É encontro. No início de 2017 passo a pesquisar o termo "Dramaturgia Drag" com a professora Adriana Schneider em paralelo com o processo do espetáculo, o que me rendeu um outro olhar sobre os temas abordados. Pude desenvolver em conjunto com o pensamento sobre uma cena queer, uma teoria queer. Esse procedimento fortaleceu os conceitos que puderam ser vistos em cena e deu base para levantar discussões em sala de ensaio, uma prática bem recorrente nos encontros.

A oportunidade de pesquisar Drag dentro da universidade não apenas foi importante para os meus processos artísticos, como ainda reverbera nos meus processos pessoais de entendimento da minha corpa queer viada bichinha afeminada, ora homem, ora mulher, ora pina. Trago essas informações para este memorial pois nelas construí base para os processos pessoais e do espetáculo.

Foi de extrema importância passar por um período de pesquisa da linguagem antes de iniciar, de fato, a criação das cenas e entender o que seria o espetáculo. Esses meses de mergulho no universo Drag deram base para falarmos a partir de um mesmo ponto de vista, criando vocabulário, éticas, afetos, jogos e performances.

ELENCO. ESCOLHENDO AS BICHAS!

Apesar do título BICHAS, a peça tem como tema principal a diversidade sexual. Por isso escolhi ter no elenco não apenas bichas, mas sapatões, bissexuais, transsexuais, pansexuais e até mesmo heterossexuais. Mais tarde entendi que BICHA não estava ligado apenas a vivência de homens gays, mas tratava de um estado, uma presença análoga a da DRAG.

Antes de entender a necessidade em ter diversas sexualidades no projeto, me deparei com uma questão que levei algum tempo para achar uma resposta. Eu estava interessado em trabalhar com a estética Drag, porém, esse universo tem uma imensidão de possibilidades e uma série de ferramentas que precisam ser desenvolvidas como: maquiagem, perucaria, lip sync e carão. Desta forma uma grande dúvida surgiu: trabalhar com drags que vão atuar ou com atores que vão fazer Drag? Os dois caminhos seriam árduos e exigiriam muito trabalho.

Depois de muito pensar sobre o assunto, entendi que meu desejo era construir um espetáculo teatral que se apropriaria da linguagem Drag para construir uma narrativa. E, assim, tomei a decisão de convidar atores para viverem Drags no palco. O passo seguinte foi selecionar 11 pessoas com disponibilidade e desejo de investigar suas corpas dentro desse universo. Por incrível que pareça essa foi a parte mais fácil de todo o projeto. Por conta do tema e da estética escolhida muitas pessoas se interessaram em estar no projeto de alguma maneira. Pude perceber então que essa linguagem ainda pouco conhecida pelas pessoas a minha volta gerava curiosidade e interesse. Usei esse ponto para formar uma equipe com vontade de mergulhar na pesquisa e se investigar, repensando as potências das corpas relacionadas a performance de gênero deflagrada pela Drag.

CHEGANDO!

A chegada no projeto é sempre um ponto crucial no meu pensamento sobre o processo. O primeiro encontro já estabelece muitas éticas e dinâmicas que serão fundamentais para criar um ambiente de trabalho confortável e seguro para tratar de um tema tão delicado e necessário de ser debatido. Essas éticas não são apenas relacionadas ao modo de criação, mas principalmente a forma como queremos propor novas lógicas de ser e estar no mundo. Tendo essa preocupação em mente, criei uma espécie de jogo que seria realizado nos 3 primeiros ensaios. O elenco foi dividido em 2 partes, cada uma teria um primeiro encontro separadamente. Um piquenique no campinho, com comida, som, balões, música e muita conversa. Lá no encontro cada grupo foi informado que ali só se encontrava metade do elenco, então foi pedido que preparassem uma recepção para o outro grupo que aconteceria no terceiro ensaio do processo. Essa primeira prática tinha como objetivo iniciar o processo pensando como queremos receber as pessoas, que ambientes queremos estabelecer, que dinâmicas queremos criar, quis ali, que todo o grupo começasse a desenvolver um pensamento sobre formas de romper com lógicas já pré-estabelecidas. O terceiro encontro foi só o sucesso. Os grupos foram muito bem recebidos, todes devidamente apresentados e com a sensação de terem sido acolhidos e de terem acolhido.

O quarto ensaio seria então nosso primeiro momento com todes reunides embarcando na jornada pelo universo Drag. Optei por um mergulho de cabeça sem direito a boia. Em quatro horas lancei diversas referências, apresentei um vocabulário gigante, experimentamos lip sync, desfile, desfile em categorias, coreografia e competição de shades. Esse ensaio foi importante para localizar o elenco, dar um panorama do que iríamos trabalhar ao longo das próximas semanas, e foi também essencial para despertar o interesse de todes em criarem suas pesquisas a partir de referências pessoais.

Nos ensaios seguintes percebi que precisava já iniciar a chegada no espaço de uma maneira diferente – todas as etapas precisavam estar tomadas por uma qualidade de presença diferente da cotidiana, diferente da que a normatividade nos ensina.

Chega. Coloca um look babadeiro pro ensaio. Roda. Conversa sobre o que se passa. Levanta. Ativa cu, buceta, pau, peito, boca, sovaco. Pra acordar os olhos: movimento de passar o rímel, delineador, sombra. Gira o pescoço. Bate cabelo. Desce seduzindo em 8. Sobe bem afeminada em 4. Limpa a pele, tira a normatividade. Taca glitter. Grita. Berra. Desfila. Movimento de pintar a unha. Roda. Batalha de dança. Pique-pega.

ASSISTENTE DE DIREÇÃO !

Trago para este memorial um relato da atriz e assistente de direção, Taís Trindade (TT) que contribuiu com muito afeto e honestidade para que alcançássemos nossos objetivos. TT se mostrou muito disponível durante todo o processo, e apesar de ter sido a primeira vez que trabalhamos juntos, acredito que conquistamos uma grande parceria que segue de maneira tão honesta e carinhosa. Como mulher, lésbica e pessoa não branca, TT sempre pontuava aspectos que eu enquanto homem gay não conseguia enxergar de maneira tão clara. Esse ponto deixa claro, mais uma vez a importância de diversificar a equipe de um projeto, de ter em sua ficha técnica e nas redes de suporte as mais diferentes pessoas, para que o projeto possa ecoar mais de uma voz, mais de um ponto de vista. Que o processo seja plural.

“Gabriel e eu resolvemos experimentar a dupla função “assistente de direção + atriz” para que eu pudesse contribuir tanto com a atuação quanto com as impressões dos ensaios a partir de uma perspectiva interna, de alguém que estava recebendo a condução das práticas e estava perto dos colegas de cena. Ao longo dos meses, nossa relação se desenvolveu de modo que o Gabriel passou a me delegar a função de dirigir algumas cenas junto com ele e, portanto, pude colaborar com o projeto com meu olhar de diretora também. Quando ele precisava se ausentar, ele me dava instruções e pedia para que eu assumisse a condução dos ensaios. Dialogamos com muita frequência e me senti muito incluída no processo. Apesar de ser a pessoa mais distante do grupo na época, já que eu não conhecia quase ninguém e nunca tinha trabalhado com Gabriel, senti que o espaço que conquistei trabalhando foi valorizado. Aprendi muito com o Gabriel. Ele sempre sabia o que queria do processo criativo, criava práticas com objetivos muito claros que facilitavam o levantamento de materiais para a dramaturgia e para a direção e, além disso, ele administrava muito bem uma sala de ensaio cheia e barulhenta. E essa atmosfera de festa e caos era pensada cuidadosamente por ele, que se importava muito com o bem-estar e o prazer do elenco e da equipe e que trabalhou para que essa festa acontecesse também nas

apresentações. Bichas foi e ainda é um projeto frutífero, de muitas descobertas e fortalecimento de redes e parcerias.” (relato de TT)

A partir desse relato fica claro que um ponto que sempre foi de extrema importância no meu pensamento sobre os ensaios foi alcançado. Desejava criar uma atmosfera de festa na sala de ensaio e no espetáculo, e o objetivo foi conquistado. O relato do grupo sempre foi de muita vontade em estarem presentes no ensaio, em participar da festa que era promovida a cada encontro, de se sentirem confortáveis para criar. Acredito que esse objetivo foi atingido pois consegui junto ao grupo contaminar cada momento do processo com o estado Drag, que está muito ligado a um estado de festejo, de alegria, de reinventar o cotidiano a partir de um olhar queer, não normativo.

Na segunda etapa dos ensaios, o levantamento das cenas, foi preciso convidar mais uma pessoa para contribuir na assistência de direção. Por estar ocupando uma dupla função, TT não pode estar sempre de fora pensando sobre as cenas e ajudando na parte técnica dos ensaios como: operar o som, ajudar nas trocas de figurino, anotar as marcas e fazer anotações importantes. Foi nesse momento que convidei Júlia Helena para estar conosco no projeto. Júlia superou as expectativas e acabou contribuindo em tantas outras funções, foi crucial ter ao meu lado uma pessoa de fora, olhando e pensando comigo detalhes da encenação e dando suporte para um elenco de 11 Drags.

TORNEIO DE LIP SYNC !

Após termos submergido no universo Drag, através de práticas em sala de ensaio, filmes, músicas, séries, conversas, debates e oficinas, propus um torneio de lip sync em que o elenco foi previamente informado sobre a música e a dupla com quem iria batalhar. A proposta foi que cada uma preparasse um look e um lip sync para batalhar. Foi a primeira vez que experimentamos algum visual para as Drags que estavam sendo criadas. A partir de um arsenal pessoal cada uma criou um figurino que compusesse com a música da performance. Essa prática instaurou um pensamento sobre que artifícios cada Drag já tinha, e quais elas desejavam desenvolver nos próximos meses de ensaio. Filmamos as batalhas para que cada uma pudesse observar que tipos de movimentações estavam criando e principalmente, perceberem a dilatação necessária para a performance Drag.

AS QUARTAS USAMOS ROSA !

A partir das minhas experiências como Drag Queen percebi que era fundamental o encontro entre a minha Drag e o mundo. Sair, me relacionar, experienciar a troca entre Pina e os outros foi fundamental na pesquisa para criação de um corpo Drag. Partindo desse entendimento propus a performance “as quartas usamos rosa” para o elenco. A performance consistia em irmos todes montades até o shopping Rio Sul no horário de almoço para comermos uma batata no Mc Donald’s. Assim fizemos, chegamos no horário do ensaio e com a ajuda de um amigo maquiador nos montamos todes. Look rosa. Perucas. Saltos. Brilho labial. E partimos em bando. Em banda.

Já nos primeiros segundos de caminhada algo novo surgia, uma dramaturgia entre aquelas Drags. Eu, Mama Pina, levava as filhas para comer um lanche. Nada combinado. Tudo sendo criado e experienciado no momento, na performance, no encontro. Outras relações foram surgindo, muitas relataram que conseguiram identificar fortes traços de suas Drag nessa trajetória. No simples ato de pedir uma batata muitas trocas iam surgindo, e junto, a possibilidade de experimentar essas novas “criaturas”. Muito dessa performance foi pra cena. Foi nesse contexto que o elenco conseguiu firmar os nomes de suas Drag, e as principais características.

Foi necessário levar a sala de ensaio para outros espaços. A performance de gênero abre na normatividade uma ruptura, e essa ruptura precisa ser experimentada para avançarmos nas composições. Aqui eu gostaria de ressaltar que muitas pessoas não tem a escolha de saírem apenas algumas vezes rompendo a normatividade e a binariedade. Grande parte de comunidade LGBTQIA+ vive diariamente essa ruptura e sofre por não performar o gênero que foi designado ao nascer ou não performar a binariedade. O espetáculo BICHAS é luta para abrir espaço, romper com as estruturas e educar através da arte sobre a diversidade sexual e de gênero, lutamos pela pluralidade, pelo direito de sermos.

MULHERES PERFORMANDO DRAG QUEENS !

Mais uma vez ficou bem claro o nível de sexismo presente na nossa sociedade, inclusive dentro da própria comunidade LGBTQIA+. As atrizes de espetáculo e eu fomos questionadas várias vezes da validade de mulheres performarem o feminino. Elas chegaram, inclusive, a ser ofendidas por um professor da UFRJ, que faz Drag, em um evento da faculdade. Algumas pessoas usam o termo “apropriação cultural” como um argumento para deslegitimar esse lugar, mas me parece muito estranho que um homem vestido de “mulher” alegue que uma mulher vestida de “mulher” esteja se apropriando de algo. Esse episódio só fortaleceu o nosso discurso que o espetáculo não seria apenas para desconstruir padrões de pessoas heterossexuais; ele tinha como objetivo desestruturar todo e qualquer pensamento que se apoiasse na normatividade, na binariedade e no machismo, seja ele de dentro ou fora da comunidade. Dessa maneira conseguimos perceber que precisávamos fazer graça

também com nós mesmos, apontar nossas hipocrisias, nossos problemas enquanto pessoas LGBTQs também. Realizando essa operação acredito que conseguimos deixar o espetáculo ainda mais diverso, mais crítico e consequentemente mais potente em seus aspectos políticos. No desenrolar da dramaturgia fizemos questão de deixar bem claro a legitimidade de mulheres performarem Drag Queens e, apesar de não ter sido proposital, tínhamos um elenco composto em sua maioria por mulheres.

BICHAS, de Livs Ataíde. Para as Bichas e com as Bichas

Após 3 meses em processo de pesquisa trouxe para o projeto a dramaturga Livs Ataíde, que já pesquisava dramaturgias sobre a comunidade LGBTQIA+. Nosso diálogo iniciou com uma troca sobre experiências pessoais, e foram essas trocas o principal combustível para criar uma dramaturgia capaz de abarcar questões tão plurais quanto as apresentadas na peça.

Pautado na necessidade de remexer no modelo convencional dos processos teatrais que eu já havia participado e com objetivo romper com as estruturas dadas, com a normatividade, decidi junto a dramaturga Livs batizar as nossas cenas de *Sheilas* (nome Drag que foi dado as cenas, já que elas também tinham algo de dilatado, de extra-cotidiano). No processo entendemos que essa operação ajudou a equipe como um todo a compreender que essas pequenas partes do espetáculo eram algo diferente de cena, tinham características muito específicas. Assim, penso, ampliamos o conceito mais usual de cenas na medida em que nos inspiramos no conceito de cenas de show. Cada cena traz em si um universo completo que pode ou não estar ligado com as demais cenas do espetáculo.

Construímos uma estrutura móvel, capaz de ser modificada e adaptada para as condições que poderiam surgir em apresentações futuras. O teatro de revista foi base de estudo para compreender melhor como iríamos realizar tal operação. Essa construção nos permite atualizar o espetáculo a cada apresentação de maneira radical, mudando, inclusive, a ordem das sheilas.

Foi fundamental ter uma pessoa com um olhar específico para a dramaturgia. Com tantas demandas que o espetáculo tinha era necessário ter sempre uma pessoa ocupada em conferir se estávamos conseguindo fazer o gráfico que nos propusemos. E isso aconteceu de uma maneira muito delicada graças à colaboração de Livs.

Abaixo as sheilas do espetáculo em ordem:

- 1- Avião : número de abertura do espetáculo, aeromoças entram em cena e dão os informes principais sobre o espetáculo.

- 2- Off : ouvimos um off sobre os apoiadores que gostaríamos de ter e os que conseguimos.
- 3- Desfile : em um desfile, as Drags se são apresentadas, seguido por um número coreografado.
- 4- Professora : em uma aula, a professora, Angela, diferencia conceitos como: cis, tras, masculinidade frágil entre outros.
- 5- Apresentadoras : numa parodia de apresentadoras de prémios, criamos o suspense de uma convidada muit mais que muito especial que está para chegar.
- 6- The Bichas : duas drags crianças fazem uma paródia com uma cantiga de infância.
- 7- Um Cu : em um programa de Tv conhecemos uma estudiosa do cu. No final termos a grande surpresa de conhecer o “Seu Cu”.
- 8- HIV : esse número trata de forma bem direta e didática HIV/AIDS
- 9- Canção de Ninar 1: em um número estilo Broadway, as drags mostram momentos de lgbtfobia que a família tradicional tanto exerce sobre os filhos.
- 10- Apresentadoras 2 : elas retornam no intervalo do número musical para informar que a convidada mais que especial já está quase chegando, mas são silenciadas por falar sobre “putaria”.
- 11- Canção de Ninar 2 : parte final do musical, agora mostramos as coisas que LGBTQs ouvem na fase adulta.
- 12- Lap Dance : número de sensualidade em que mostramos diferentes formas de seduzir.
- 13- Anjos na América : trecho do espetáculo Anjos na América de Tony Kushner.
- 14- Número de Morte : as aeromoças retornam avisando que o avião vai cair e iremos todes morrer. Número de carnaval para queda do avião dizendo que todes vamos pro céu.
- 15- Rainig Men: batalha clássica entre duas drags que terminam o número se beijando.
- 16- Luz na passarela : performance de celebração ao corpo feminino, gordo, com pelos, fora dos padrões.
- 17- Flutua : entanto a música flutua de Jonny Hooker toca, o elenco abraça toda a plateia agradecendo pela troca.
- 18- Apresentadoras Final : elas retornam para dizer que finalmente a convidada chegou, mas assim que fazem o anuncio a luz a acaba e não vemos a convidada mais que especial.

BICHAS no Campus da Praia Vermelha !

Tapete vermelho. Duas entradas de cena. Duas bocas gigantes. Palco em formato de “T”, criando uma passarela no meio. A plateia dividida pela passarela. É um show teatro de revista.

Nesse cenário, BICHAS teve sua estréia mundial. Foi apenas na primeira apresentação que todes da equipe tivemos a dimensão do trabalho que havíamos criado. O figurino, a maquiagem são partes essenciais da

construção Drag, dão vida ao corpo. No momento em que o primeiro refletor acendeu, tivemos o vislumbre das lindas BICHAS, todas cheias de vida, de glitter e felicidade, trazendo uma mensagem muito importante. Pudemos ali firmar nosso trabalho e criar ainda mais força para seguir trocando e educando. Entendo BICHAS como sala de aula e, coincidentemente, a primeira sheila após a abertura, é um número em que uma professora explica conceitos básicos que servirão de base para todo espetáculo.

Pudemos ali também perceber o tamanho físico do espetáculo, que com mais de 70 figurinos, muita maquiagem, perucas e saltos necessitava de uma produção muito atenta para montar, realizar e desmontar a peça. Essa percepção abriu nossa visão para conseguirmos pensar as apresentações futuras.

CLOSE COLETIVO!

Hoje nos consolidamos como um coletivo que produz arte e tem como principal objetivo falar da comunidade LGBTQIA+. Esse desejo de formar um coletivo surgiu no meio do processo, logo após entendermos que nossos objetivos enquanto artistas se entrecruzavam. Para além das similaridades profissionais temos também vivências muito parecidas no que tange a luta LGBTQIA+. Nosso desejo de festejar se transformou em luta, em arte, e nos faz seguir trabalhando para modificar as estruturas que oprimem tantos de nós. Close é festa. É luta. A diferença continua sendo um ponto chave dentro dos nossos trabalhos. Não tem nada de fácil em validar as diferenças, mas acredito que é justamente esse exercício que nos torna tão fortes.

A atividade que mais fizemos durante o processo de 8 meses foi parar tudo e conversar. Tudo era conversa. Tudo era debate. Existia ali, naquele coletivo que começava a se formar, uma necessidade extrema de trocar ideias, percepções e pensar novas formas de agir no mundo. Entendemos hoje a conversa como uma prática necessária para os nossos processos artísticos; é a partir delas que conseguimos abrir novos horizontes e nos perceber de maneira mais profunda. É sobre uma troca diária que nos faz tensionar as vivências e criar mais empatia e determinação para seguir nas lutas.

Obrigada, Close Coletivo.

ENCERRAMENTO!

BICHAS não seria possível sem coletivo. Eu não seria possível sem coletivo.

Nessa jornada que segue viva, de seguir levando as BICHAS para o mundo, é o coletivo que move, que se movimenta em bando para dar voz as Drag desse show. Também estão dentro desse coletivo as tantas bichas, sapatões, travas, bis, pans que abriram e abrem espaço para que possamos ser e estar aqui no mundo pensando e propondo novas lógicas.

BICHAS atingiu um espectro bem amplo de público. Percebi durante as apresentações que conseguimos montar uma peça capaz de criar empatia, educar e festejar, tudo em uma só passarela. Era bonito ver da cabine de som as mais variadas reações. Do riso ao choro, a gargalhada que se transformava em grito de entusiasmo. Nos corredores e mesas de bar após o espetáculo fiquei muito alegre em perceber que o espetáculo tinha a capacidade de tocar e transformar aquelas pessoas. Das minhas amigas de faculdade, passando pelo meu pai, minha avó, minha comunidade LGBTQIA+, até os familiares dos familiares. Muitos relataram um grande aprendizado, e a sensação de terem festejado com as BICHAS por um mundo mais diverso, mais plural.

Sigo no processo de BICHAS. Ele não acaba. Sigo na vida pessoal e, felizmente, sigo na vida profissional. Bichas é um espetáculo que está em constante e radical transformação. Seguimos pensando nossos processos em sala de ensaio, nossas práticas de vida, nossas Sheilas, nossos looks. BICHAS me deu uma família e muito aprendizado.

Eu sou uma BICHA, BICHINHA, BICHONA, muito orgulhosa desse projeto que pude dar vida com os meus.